

Recital

Revista de Educação,
Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

II ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE GEOGRAFIAS EMOCIONAIS

PALESTRA DE ABERTURA

APRESENTAÇÃO

Este texto é a transcrição da palestra de abertura do II Encontro Luso-brasileiro de Geografias Emocionais (II ELGE), ministrada pelo Prof. Dr. Leonardo Luiz Silveira da Silva (IFNMG campus Salinas) em 30 de agosto de 2023. O evento é relevante em um contexto global onde as desigualdades socioeconômicas, as mudanças climáticas e a geopolítica se entrelaçam, ameaçando a saúde humana, os ecossistemas e as comunidades. Reconhecendo a necessidade de uma transformação social e política, o evento destaca a importância do engajamento com as emoções. Por um lado, enfoca a materialização dos direitos fundamentais na vida das pessoas e sua percepção. Por outro lado, ressalta que os fatos por si só não são suficientes para mudar mentalidades e que a transformação social requer uma compreensão mais profunda de como as emoções, valores e experiências moldam a agência humana. O II ELGE, organizado pelo Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa (CEG-IGOT-ULisboa/Portugal) e pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/ Brasil), visou aprofundar a discussão sobre as geografias emocionais no espaço lusófono, celebrando e explorando as abordagens dos geógrafos e geógrafas desses países em relação às emoções em suas pesquisas. Em 2023, o evento ocorreu em formato híbrido na Universidade de Lisboa, e representou um passo adiante no desenvolvimento desse campo de estudo.

O Prof. Dr. Leonardo Luiz Silveira da Silva é graduado em Geografia (2002) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e especialista (*lato sensu*) em Gestão de Políticas Sociais (2006) pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-MG). É Mestre em Relações Internacionais pela PUC-MG (2011) e Doutor em Geografia - Tratamento da Informação Espacial (2016) pela mesma universidade. Seus temas de interesse estão ligados à Geopolítica, à Epistemologia da Geografia, à Geografia Cultural – com ênfase nas abordagens mais-que-representacionais - e aos Estudos Regionais.

A palestra “Teorias e práticas afetivas: formas heterodoxas de ver e ler o mundo” pode ser assistida integralmente no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=9i0n6nWLAP8&ab> .



TEORIAS E PRÁTICAS AFETIVAS: FORMAS HETERODOXAS DE VER E LER O MUNDO

Affective theories and practices: heterodox ways of seeing and reading the world

Leonardo Luiz Silveira da SILVA

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG),
Campus Salinas

leonardo.silveira@ifnmg.edu.br

DOI: <https://doi.org/10.46636/recital.v5i2.449>

Primeiramente, gostaria de agradecer ao convite para a realização desta palestra de abertura do evento. É uma honra muito grande e espero que o meu discurso esteja à altura de suas expectativas. Minha palestra possui o título: “Teoria e práticas afetivas: formas heterodoxas de ver e ler o mundo”. Isso aponta para o fato de que irei explorar abordagens na geografia que não são tradicionais e que são permeadas pelo afeto. Para construir uma melhor compreensão acerca do afeto e seu papel na geografia, acho importante fazer um resgate histórico, que será breve.

Na história do pensamento geográfico, durante muito tempo, prevaleceu a visão ontológica do espaço. Usarei esta palavra ontologia algumas vezes durante o meu discurso e será importante que vocês a compreendam como uma consideração dos fenômenos como entes passíveis de serem esgotados em uma descrição. Além disso, parte-se do pressuposto que as ontologias são construções, são entendimentos comuns a todos os indivíduos. O espaço ontologicamente entendido é visto como uma entidade absolutamente descritível em suas características. Portanto, podemos entender o espaço, nessa concepção, como um grande acervo material passível de ser inventariado. No seio desta ideia, é rechaçada a possibilidade de entendimentos subjetivos acerca do espaço.

É importante conceber que tendências observadas no estado da arte dos trabalhos das disciplinas não significa necessariamente a eliminação de abordagens concomitantes. No auge no neopositivismo na geografia, certos trabalhos se apresentaram como exceções ao *mainstream*: Eric Dardel e John Kirtland Wright produziram obras tão diferentes do pensamento dominante de sua época ao ponto de ser bastante referenciado o fato de terem sido mais divulgados em décadas posteriores às publicações de suas obras máximas do que ao seu tempo.

Os anos 1950 apresentaram uma dominância tão expressiva do quantitativismo e da linha interpretativa neopositivista ao ponto da categoria paisagem – vista então como subjetiva – ser negligenciada. Era importante buscar métodos similares aos praticados nas chamadas *hard sciences* objetivando a legitimação científica. Nos anos 1960 o resgate da categoria paisagem se deu por meios quantitativos, como um reflexo da dominância do *mainstream* anterior: surgia a *landscape evaluation*, um campo de pesquisa dedicado a mensurar a opinião das pessoas acerca de trechos paisagísticos.



A metodologia dominante da *landscape evaluation* baseava-se no levantamento estatístico: geralmente buscava-se a construção de médias numéricas acerca das preferências das pessoas por determinados espaços e, ao seu tempo, tais métodos fizeram sucesso como mecanismo do poder público para gerir espaços que estavam sob a sua tutela.

Os anos 1960, por outro lado, também marcou a ocorrência de viradas – grandes rupturas paradigmáticas ocorridas no seio não somente da geografia, mas de um amplo conjunto das ciências humanas. Neste particular, destacam-se as viradas cultural e linguística, que possuem congruência entre si. Essas viradas deixaram como herança pressupostos pós-estruturalistas que modificaram profundamente a forma de elaboração do pensamento. No interior dos pressupostos pós-estruturalistas, as abordagens ontológicas tornaram-se versões.

As repercussões das viradas cultural e linguística certamente inspiraram a elaboração do emblemático artigo de James Duncan (1980): *The superorganic in American Cultural Geography*. Este artigo atacou o coração da tradição saueriana de leitura da paisagem, que era então dominante no contexto da geografia cultural. As críticas de Duncan centraram-se no seu modo de ver da tradição saueriana, que centra a leitura da paisagem no estrato material, do visível, negligenciando as mentalidades que transcendem a matéria. A transcendência da matéria, já explorada pela geografia humanista, edificou-se como *modus operandi* da nova geografia cultural, campo que floresceu nos anos 1980 e que focou no simbolismo expresso pela paisagem. Os trabalhos de Denis Cosgrove sobre Veneza e de James Duncan sobre o Sri Lanka são referências deste então novo campo da geografia cultural.

O simbolismo na paisagem passou a ser entendido como uma ferramenta política, por ser capaz de ajudar a formular ideias que afetavam as pessoas. Destaca-se que no contexto da nova geografia cultural não é comum ver o uso da palavra afeto, que posteriormente se veria como uma ferramenta útil para esse tipo de discussão. A nova geografia cultural abraçou a ideia de que a paisagem pode ser vista como um texto, e os significados passaram a ser entendidos além do essencialismo, dando vez às formulações socioconstrutivistas da formulação de categorias. Destaca-se neste particular o célebre artigo de Don Mitchell (1995) *There's no such thing as culture*: neste artigo, Mitchell defende uma abordagem não ontológica para a cultura e que esta categoria é definida comumente sobre lentes reificadoras a partir de interesses de manipulação.

Na década de 1980, a expansão socioconstrutivista se fez sentir, sendo relevante não apenas para a geografia; de fato, nações foram vistas a partir deste prisma com Benedict Anderson e Michael Billig; sociedade com Eric Wolf; raça com Paul Gilroy; classe com Edward Thompson; dentre inúmeras outras construções sociais. Todavia, não podemos esperar que tais constructos produzam mesmas respostas em todos indivíduos. Em um exemplo, a ideia de nação, trabalhada por Anderson, afeta de forma distinta cada um de nós. A explicação para esta distinção reside na complexa interação entre mente, matéria que abriga diferentes formas de apreensão do mundo e que ganha vida por intermédio de uma espécie de *looping* afetivo-performático.

Sem utilizar os termos afeto e performance, Augustin Berque flerta com esta perspectiva acerca do *looping* afetivo-performático em alguns dos seus trabalhos: o conceito de geogramas extrapola a materialidade dos corpos – incluindo os objetos – e a trajetória acaba por sintetizar um processo em que as ideias movem a performance humana; em retorno, as marcas deixadas



na paisagem pela performance interferem no arranjo das ideias. Toda essa teorização encontra síntese em uma dupla conceitual berqueniana relativamente bem estudada no Brasil que é composta pelas ideias de paisagem-marca e paisagem-matriz.

Na passagem dos anos 1980 para os anos 1990 consolidam-se novas viradas, como a relacional, espacial, afetiva, emocional e neural. Este novo momento de agitação epistemológica irá substanciar um novo estilo de abordagem que encontra Nigel Thrift como autor seminal. São as chamadas Teorias não-representacionais (TNR). Não se referem a um conjunto de teorias propriamente ditas. São trabalhos que colocam a representação como um meio afetivo e não como a única possibilidade da vida social. Nigel Thrift diz que talvez seja mais justo se referir às TNR como estilo não-representacional. Hayden Lorimer (2005) argumentou que o nome “não-representacional” não faria jus aos pressupostos teóricos que integram os trabalhos identificados com as TNR. Em substituição, sugeriu mais-que-representacionais, sob a escusa de que tais trabalhos não excluem as representações da esfera afetiva, mas as incluem em meio a diversas representações que nos bombardeiam em nossa vida cotidiana.

O professor Jörn Seemann criticou o vocabulário das TNR: palavras como afeto, performance, *affordances*, práticas corporificadas e *assemblages* não seriam palatáveis à maioria dos geógrafos. Com o uso sistemático destes conceitos, as TNR se apresentariam áridas para iniciantes e fariam – na visão de Seemann – que o campo de investigação se apresentasse como uma casta na qual autores só conversassem com outros autores como se fossem portadores de um texto codificado. Vejo que os conceitos ligados à perspectiva mais-que-representacional – usarei o termo em concordância com Lorimer (2005) – buscam sintetizar aquilo que seria expresso longamente. Em alguns contextos, o uso de um termo como *assemblage* pode sintetizar o que seria dito em três linhas. Tenho concordância com o professor Seemann ao dizer que sua crítica passou na cabeça de cada um de nós. Mas, familiarizados com os termos, me parece que a base conceitual mais ajuda do que atrapalha o desenvolvimento teórico, ainda que seja uma espécie de espantinho aos iniciantes.

O proeminente professor Tim Cresswell trouxe uma curiosa situação em um artigo publicado no final dos anos 1990. Argumentou que assistiu uma exposição de Nigel Thrift em um congresso e ouviu pela primeira vez o termo TNR. Ao final da fala de Thrift, o procurou e perguntou o que seriam as TNR. Confessou que ouviu uma breve explicação e continuou sem entender. Logicamente que Cresswell conseguiria hoje explicar o que são as TNR. Mas o fato de não entender bem os seus pressupostos em um primeiro contato nos confere também algum tipo de isenção.

O afeto é um termo central dos pressupostos mais-que-representacionais. É muito importante apontar que, quando se pensa em afeto e/ou emoções numa perspectiva individual, não significa que a dimensão coletiva esteja sendo desconsiderada nesta construção solitária. Como as emoções, os afetos importam, mas não podem ser representados, fato que deixa a geografia afetiva com um problema: seu objeto central não é demonstrável. O agravante é o fato de o afeto não ser localizado em uma expressão corporal. As emoções, em algumas situações, conseguem ser: em um exemplo, uma certa pessoa com vergonha pode ser identificada a partir do rubor da face.



Destaco também o fato de que é um desafio traçar uma linha divisória entre a dimensão social da biológica. Quando falamos da dimensão biológica, não estamos apenas nos referindo aos instintos, mas também ao stress corpóreo desenvolvido por situações sensitivas de frio, calor, abafamento, baixa umidade do ar, dentre outras.

O afeto possui duas camadas: o consciente e o subconsciente. É por essa razão que muitos geógrafos tomam empréstimos da psicologia como um meio de buscar compreender sua extensão. É importante notar que a psicologia não pode ser banalizada: se trata de um corpo heterogêneo. Existem áreas muito diversas no seio da psicologia. Em um exemplo pueril, basta vermos que o behaviorismo e a psicanálise são campos muito distintos e que nos dão respostas diferentes à interpretação dos fenômenos. Pensando na dupla camada do afeto, tenho realizado recentemente uma investigação que chamei de *Expectativa da Finitude*. O objetivo é perceber como a expectativa de que um dia iremos morrer impactam no espaço geográfico. As camadas consciente e subconsciente do afeto são exploradas na metodologia deste trabalho, já que existem manifestações conscientes da finitude – como a existência de igrejas e cemitérios na paisagem – e subconscientes, como a aquisição de financiamentos imobiliários. Devo ressaltar que trabalhos que exploram as duas camadas do afeto não podem tratá-las como apartadas. Devemos arrumar estratégias discursivas para integrá-las, deixando claro que o consciente e o subconsciente se comunicam.

O afeto é demonstrado indiretamente pela performance. Esta colocação parece atender anseios socioconstrutivistas, como aqueles que definem que sociedades, nação, raça, cultura não são delineadas por uma abordagem ontológica, mas pelas relações estabelecidas pela crença acerca de sua existência. Apesar destas considerações, é relevante ter em mente que o afeto não é absolutamente congruente com a performance. Existe parcela do afeto que não se manifesta em nossas ações. O afeto pode ainda se tornar uma espécie de resíduo que se acumula sem provocar a performance até, em um certo momento, contribuir para que dada ação aconteça. Por essa razão, acredito que o campo das geografias espectrais, que analisa o afeto em distintas temporalidades – tanto como um resíduo do passado como em expectativa sobre o futuro – possui pressupostos relevantes para entender a construção da paisagem e das relações sociais hodiernas. É importante apontar que existe uma ação – o pensar – que não aparece na geografia do que acontece. Por isso mesmo a corrente da filosofia chamada de realismo especulativo têm se preocupado com aquilo que está além das relações.

Um dos tópicos relevantes das geografias afetivas é a compreensão dos mecanismos de espalhamento do afeto. Nigel Thrift utilizou a figura de linguagem “incêndios” como analogia. Outros autores utilizaram ondas de rádio ou vírus. Todas estas metáforas têm sido criticadas por contribuírem para que sejam ocultados os reais motivos para o espalhamento. Se pensarmos em um afeto ontológico, poderíamos imaginá-lo em uma superfície plana, livre de obstáculos. Seria uma forma mais condizente de abstração pensá-lo como o avanço da água em uma superfície irregular na qual alguns pontos mais próximos do epicentro afetivo pudessem estar imunes aos seus efeitos – como ilhas – e pontos distantes pudessem ser tocados. A forma como o afeto se espalha não é somente entendida por meio da compreensão do arranjo das redes; é necessário também considerar as formas distintas as quais os indivíduos processam as forças afetivas que os assediam.



Um paradoxo da geografia mais-que-representacional é a sua tentativa de representar o irrepresentável. É importante lembrar que até o discurso é uma representação. Esse fato explica a expressiva barreira existente entre a dimensão empírica e a teórica. Uma vez familiarizados com os pressupostos da teoria, experimentamos uma irresistível sensação de incompletude ao transpor o arcabouço teórico em trabalhos empíricos. Ainda assim, os trabalhos empíricos parecem ser muito mais avançados comparativamente às abordagens ontológicas.

Realizei uma tentativa empírica de contemplar os fundamentos teóricos mais-que-representacionais em um estudo de caso nas cercanias do cemitério de Salinas, uma pequena cidade situada no norte de Minas Gerais. Refiro-me à pesquisa apresentada em forma do artigo *Mapeando fenômenos intangíveis* – realizada em parceria com os professores Alfredo Costa e Geraldo Magela – publicado na revista Mercator no ano de 2020. Nessa pesquisa apresentamos uma proposta de representação cartográfica do medo – visto como uma emoção associada à diversos fragmentos da vida cotidiana – que está associada ao cemitério. Não foi investigado somente o medo do transcendental, mas também medos associados à presença de animais peçonhentos, água contaminada, criminalidade ligados à proximidade com o cemitério. Diferentemente da *landscape evaluation*, o trabalho não quis representar as emoções como áreas poligonais ou como médias: o medo foi apresentado como pontos, que representavam entrevistados ligados às suas moradias. Hoje tenho críticas a este trabalho, pois a manifestação do medo não se constrói na relação entre um ponto e o cemitério; esta manifestação se dá a partir de um conjunto de trajetórias destes pontos na vida cotidiana que colhem experiências espacialmente e temporalmente localizadas. Esta é uma ideia que está de acordo com a premissa de Doreen Massey, autora que argumentou que o espaço pode ser entendido como um conjunto de histórias-até-aqui, referindo-se ao fato de a representação ser um frame que desconsidera trajetórias. Ademais, sabemos da problemática em expressar numericamente as emoções, como se buscou fazer neste trabalho. Ainda assim, *Mapeando fenômenos intangíveis* representa certamente um avanço em relação às representações ontológicas das emoções, em que se busca significar o medo como uma totalidade que expressa o sentimento coletivo.

As emoções precisam ser consideradas a partir de abordagens multi-escalares: isso não significa dizer que é relevante somente a dicotomia entre o global e o local. Devemos considerar diversas camadas de escala, em uma combinação que pertence ao íntimo de quem interpreta e de quem é afetado. Numa analogia, talvez pudéssemos pensar em um afeto em múltiplas escalas representado pelo descascar de uma cebola.

Tanto as geografias emocionais quanto as afetivas compartilham a ideia do corpo como a autêntica localização dos afetos e das emoções. Por isso a expressão práticas corporificadas possui relevância em muitos trabalhos. O corpo é o portador do afeto e a expressão da performance. No âmbito afetivo, precisamos reconhecer a construção do afeto a partir de estímulos multissensoriais. A música, por exemplo, pode ser um meio de politização. De acordo com Nichola Wood e Susan Smith (2004), a música construiu a legitimação emocional que ajudou a sustentar o regime nazista. Certos ritmos/estilos musicais são percebidos como movimentos de resistência de grupos minoritários. Ainda podemos destacar que, no Brasil, canções foram identificadas como reativas à ditadura militar.



Músicas se associam a fatos cotidianos: um instrumento de percussão pode aludir a bombas e tiros, enquanto uma guitarra pode se associar ao relinchar do cavalo. É importante chamar a atenção para a capacidade da música de participação de esquemas de memória que nos conduzem a eventos espacial e temporalmente localizados. O potencial afetivo da música é tão notável que até mesmo os planos de saúde – reconhecidos pelo seu rigor de inserir novas terapias na sua carta de serviços dotados de cobertura – contemplam a musicoterapia. Todavia, não precisamos otimisticamente romantizar a música; em outro extremo, a música pode ser vista como estressante ou opressiva. Em um exemplo dado pelo professor Alfredo Costa, parceiro de inúmeras publicações, nem mesmo o som produzido por uma britadeira pode ser absolutamente entendido como negativo: para um empreendedor, ansioso por ver um prédio finalizado, o trabalho ruidoso da britadeira pode ser tão reconfortante quanto para muitos são as estações de [Antônio] Vivaldi.

Os estímulos sensoriais afetivos formam um grande novelo. Tim Ingold concorda com esta perspectiva e critica os trabalhos que exploram as *Soundscares* [paisagens sonoras], *Smellscapes* [paisagens olfativas], dentre outros. Para o antropólogo, um trabalho acerca da afetividade isolada de um sentido é falso, pois os sentidos – salvo alguma situação patológica – sempre atuam em conjunto. As considerações de Ingold me fizeram refletir que talvez a mesma condição se aplique ao afeto: é impossível apresentar a dimensão consciente apartada do afeto subconsciente. A pergunta fica: existe alguma validade nestas apresentações fatiadas do universo sensorial e afetivo?

Compreender como o afeto opera é uma forma eficiente de fazer política. Clare Hemmings argumentou que o afeto é o centro escondido da acumulação capitalista. A frase é rigorosa e ainda estou refletindo se a incorporo no meu pensamento sem ressalvas. De todo modo, Hemmings nos mostra que a participação do afeto se dá em grande amplitude de nossa vida cotidiana. O afeto desempenha um papel de forja das relações sexuais e raciais de dominação e, ao mesmo tempo, pode ser operado para conter estas relações. Por isso, não podemos qualificar o afeto como bom ou mau. As questões sociais, sejam raciais ou de gênero, estão permeadas por afetos que possuem uma pluralidade de ressonâncias. Este é um tema delicado pois entra em choque com os pressupostos mais ortodoxos da geografia crítica e de outras teorias críticas. Há um grau de paixão empenhado pela militância social e, o deslocamento da análise do coletivo para a individualidade cria dificuldades discursivas para os oprimidos. Todavia, as abordagens mais-que-representacionais não inviabilizam a luta social, mas criam a necessidade de uma revisão discursiva. De fato, o discurso estruturalista é palatável à militância enquanto que, à *prima facie*, o discurso afetivo tem sido julgado pelas lentes estruturalistas como teoria vazia sem aplicabilidade e, portanto, a favor do *status quo* social. Há de se destacar que o sentimento de pertença a um grupo social pode, curiosamente, se constituir como a maior força afetiva de uma dada individualidade, ainda que isto não seja regra. Acho que este é um bom ponto de partida para o desenvolvimento desta questão que envolve os grupos sociais e o discurso mais-que-representacional.

Trocar uma representação – uma ontologia de mundo – por outra, não é transcender as representações. Entendo, todavia, que esta troca é uma ação útil para a movimentação de políticas públicas, como um meio de efetivar correções históricas.



Edward Said no seu clássico *Orientalismo* salientou que o orientalismo não é um só, rompendo com abordagem ontológica. Destacou ainda que o ocidentalismo não é a resposta ao orientalismo. Podemos dizer que o contraste de ontologias antagônicas que se sobrepõem mais se assemelha a um revanchismo do que a uma leitura desconstrucionista responsiva às ideias pós-estruturalistas.

O poder é uma discussão transversal do afeto. Portanto, a geopolítica apresenta-se como uma seara fértil para a discussão afetiva. Dominique Möisi (2009) escreveu um livro sobre a *Geopolítica das Emoções*. Neste livro, falou como a humilhação, o medo e a esperança são emoções centrais das relações internacionais. Destaco que, na abordagem de Möisi, apesar de falar sobre as emoções, não há um compromisso com o conjunto dos pressupostos mais-que-representacionais. Por vezes o discurso do autor encara as emoções a partir de uma abordagem ontológica, quiçá socialmente construída, sem o foco específico nas formas distintas em que as individualidades respondem ao afeto que sofrem. Em uma abordagem mais-que-representacional, a análise geopolítica deve centrar-se nas reações dos indivíduos e incluir as possibilidades de interação envolvendo pessoas, animais, plantas, objetos, forças elementais e os próprios Estados. Isso significa focar a análise nas *assemblages*, que no plano internacional não raramente se arranjam ignorando os limites interestatais. Desde John Agnew (1994) e sua concepção acerca da armadilha territorial, a geopolítica já problematiza a caducidade da análise que centra exclusivamente no Estado o conjunto da análise geopolítica.

Existem abordagens que rechaçam a centralidade do Estado na análise geopolítica, mas acabam cometendo o vício de trocar uma ontologia por outra. É o que Samuel Huntington (1996) fez em *O Choque das Civilizações*, ao propor que limites civilizacionais uniriam amplas regiões – que agregariam a integridade territorial de alguns Estados e parcelas de outros – sob o argumento que a solidariedade civilizacional havia se tornado o principal meio de se analisar a política internacional. Nesta abordagem de Huntington, trocou-se a ontologia do Estado pela ontologia das civilizações.

Abordagens geopolíticas mais-que-representacionais têm recentemente se dedicado a entender o nacionalismo como um plano afetivo e como esse sentimento acaba se tornando um amálgama para unir em rede as *assemblages* – arranjos relacionais heterogêneos. É curioso ver a força afetiva de elementos em rede, naquilo que a literatura mais-que-representacional tem chamado de *affordances*: a bandeira e o ser humano, como elementos isolados, possuem um significado; quando se unem se tornando um humano agitando uma bandeira, o significado se torna mais poderoso do que uma mera soma entre os elementos em associação. Poderíamos exemplificar algo similar quando consideramos o militar, a medalha e o militar condecorado.

Como geógrafos, precisamos compreender a importância do espaço para o afeto. Nigel Thrift argumentou que o espaço cozinha o afeto. Utilizou o verbo fora de sua literalidade para tentar mostrar que o afeto ganha contornos quando submetido ao espaço e suas variações. Ressalto que o espaço é um pastiche em dois níveis: o material e o mental. No nível material, temos o fato de que a materialidade mundana está em perpétuo deslocamento e/ou transformação, ainda que esta não ocorra em uma escala temporal humana ou que seja perceptível por nós.



Tim Ingold utiliza uma frase muito especial para aludir a este fato: o autor argumenta que todo objeto é um frame captado em um amplo processo degenerativo ou incorporador. No nível mental, o pastiche é formado pela soma de nossas experiências, coletadas em espaço-temporalidades precisamente localizadas. Escrevi sobre isso em um artigo chamado *Geografia-Pastiche*.

Mesmo uma experiência espacial e temporalmente idêntica gera uma apreensão distinta do espaço. A paisagem guarda os seus segredos, ocultando uma parcela do incognoscível. Para além disso, é importante esmiuçar a nossa experiência. Sua natureza não parece ser melhor descrita por polígonos ou quaisquer áreas sólidas. Joel Bonnemaïson (1994) no brilhante texto *The Tree and the Canoe*, trouxe uma ideia que entrou na minha mente e nunca mais saiu: a nossa experiência é reticular, arranhando a superfície do espaço. Temos, a partir daí, a dificuldade de dizer “conhecemos o Japão; conhecemos o Brasil ou Portugal”. As toponímias que atribuímos às porções do espaço são ontologias e certamente contemplam espacialidades mais amplas do que a nossa cognoscibilidade espacial.

É o apanágio do conjunto de nossas experiências, em algum nível, suprimir a experiência histórica e suprimir a experiência geográfica. A experiência histórica é suprimida quando – como afirma Edward Saïd – imagens clássicas que não se confirmam hodiernamente são preferíveis frente às modernas realidades. A supressão da experiência geográfica ocorre quando generalizamos espacialidades, ignorando o detalhe de recortes precisos e apresentamos elementos ausentes como presentes. São todas estas razões que nos ajudam a compreender que nas abordagens mais-que-representacionais as noções de espaço e tempo relativos são centrais.

Terminei meu discurso falando a respeito do livro *A excepcionalidade da paisagem e do lugar*, publicado este ano. Este livro parte de visões ontológicas sobre a paisagem e o lugar e – ao longo de suas 800 páginas – caminha para apresentar como estas categorias são exploradas pelas perspectivas mais-que-representacionais. Mais do que um livro sobre essas duas categorias da geografia, trata-se de uma obra que aborda as mudanças mais significativas na história do pensamento geográfico ao longo do século XX e início do XXI. Agradeço a paciência dos ouvintes e ao convite realizado pelos organizadores deste evento.

Palestra proferida por vídeo-chamada. Lisboa, II Encontro Luso-brasileiro de Geografias Emocionais, 30 de agosto de 2023.

Recebido em: 15 de setembro 2023

Aceito em: 16 de setembro 2023